

CONSIDERAÇÕES PRAGMÁTICAS ACERCA DA DENEGAÇÃO PSICOLÓGICA

Selmo Ribeiro Figueiredo Junior¹

RESUMO

Como um recorte da dissertação *Denegação psicológica: aspectos linguísticos e lógicos* (UFPR), traz-se uma discussão pragmática de natureza teórica acerca da 'denegação psicológica', esta sendo formulada inicialmente por Freud e discutida aqui em uma dimensão pragmática. Excetuando a introdução (que contextualiza o artigo) e as considerações finais (que, com generalização, se referem à articulação de teorias, cara à pragmática), este trabalho se divide em (i) "Noções metapsicológicas envolvidas na denegação psicológica", (ii) "Denegação psicológica", (iii) "Pragmática dasaliana" e (iv) "Considerações pragmáticas acerca da denegação", cabendo às seções (i)-(iii) exporem o relevante ao propósito da seção (iv).

Palavras-chave: denegação, pragmática, metapsicologia.

Introdução

Este artigo é um recorte da minha dissertação de mestrado, intitulada *Denegação psicológica: aspectos linguísticos e lógicos*, defendida no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná em maio de 2013, sob orientação da professora doutora Lígia Negri e debatida nas bancas (de qualificação e de defesa pública) pelos professores doutores José Borges Neto (linguista) e Fabio Thá (psicanalista e linguista)².

No trabalho citado, trato de um objeto teórico inicialmente descrito e explicado pela metapsicologia de extração freudiana³ que é chamado de 'denegação'⁴, e o faço

¹ Licenciado (UNEMAT/Sinop) e Mestre (UFPR/Curitiba) em Letras. E-mail: selmojunior@gmail.com

² As contribuições críticas dos professores doutores Arthur Pagani (linguista) e Eduardo Vicenzi (psicanalista e linguista) também oportunizaram um bom encaminhamento teórico da dissertação. Evidentemente, erros, imprecisões e congêneres possivelmente existentes são de minha responsabilidade.

³ Em psicanálise de extração freudiana, o termo 'metapsicologia' pode ser usado de pelo menos duas maneiras: (i) para designar o corpo teórico da psicanálise (e esse é um sentido lato); (ii) para designar a descrição de um processo mental do ponto de vista dinâmico (referente às forças em ação e seus potenciais conflitos), do ponto de vista tópico (referente às diferentes instâncias do aparelho psíquico) e

mediante cinco teorias: duas linguísticas, uma psicológica e duas lógicas; respectivamente, a tipologia ducrotiana de negação e a pragmática dascaliana; a própria metapsicologia; a lógica epistêmica modal hintikkiana e a teoria das alternativas relevantes schafferiana. O recorte em que se constitui este artigo diz respeito a uma parte da abordagem pragmática, trazendo: (a) um confronto entre os modelos de interpretação dascalianos em relação à denegação psicológica e (b) uma discussão dos aspectos socio, psico e ontopragmáticos da denegação.⁵

Na próxima seção, serão apresentadas algumas noções cujo entendimento se faz necessário para a compreensão da denegação. Depois, a denegação será caracterizada. Na sequência, a parte relevante da pragmática dascaliana será exposta. Então, considerações pragmáticas sobre a denegação serão feitas.

Noções metapsicológicas envolvidas na denegação psicológica

A denegação é um fenômeno complexo que implica um conteúdo psíquico específico (cujo interesse é de ordem metapsicológica) e implica uma contraparte linguística relativamente regular (passível de análise ou simplesmente considerações linguísticas).

Para o entendimento da caracterização metapsicológica da denegação em relação ao propósito deste artigo, algumas noções metapsicológicas envolvidas precisam ser antecipadamente compreendidas, que são pelo menos: (i) a noção de 'inconsciente' (ou 'saber inconsciente'); (ii) 'eu' (ou '*moi*'); (iii) 'resistências' e 'recalques' (defesas).

O estatuto de inconsciente é de entidade hipotética⁶. Reserva feita a outros elementos e processos que a noção de inconsciente recobre, postula-se que tal entidade é

do ponto de vista econômico (referente às quantidades de energia psíquica) (*stricto sensu*). Neste trabalho, emprega-se a primeira acepção.

⁴ Na literatura metapsicológica, são encontrados nomes alternativos ao termo 'denegação', tais como 'a negativa' e '*die Verneinung*', este último sendo a designação original alemã, introduzida por Freud ([1925a] 1996), quem primeiro conceituou o fenômeno psicológico e linguístico que a noção refere. Naturalmente, pode-se chamar também esse objeto de 'denegação freudiana' ou 'denegação psicológica'.

⁵ O recorte feito no interior da abordagem pragmática presente na dissertação deixou de fora outras considerações de natureza funcional (a 'cebola de significância' da denegação) e outras de natureza formal (a elaboração de um algoritmo de interpretação da denegação; uma formalização lógica da denegação; a formulação do princípio da denegação).

⁶ Confira-se por exemplo Freud ([1925b] 1996), em que o autor afirma que o construto teórico da estrutura do aparelho mental perceptual — que implica os 'traços mnêmicos permanentes' (referem-se ao inconsciente) — que ele constrói tem estatuto hipotético. O inconsciente para Lacan ([1976] 2007, p. 131), um dos mais ilustres entre os psicanalistas de orientação freudiana, também é hipotético.

essencial do psiquismo humano e que nela há representações, ideias em estado inconsciente. Das propriedades do inconsciente de importância de primeira ordem para o presente trabalho, Freud ([1915a] 1996) postula que nele:

⟨A⟩ Inconsciente.

- i. não há contradição;
- ii. não há negação;
- iii. não há dúvida/incerteza.

Essas propriedades conferem uma logicidade particular ao inconsciente.

Seguindo o pensamento freudiano, Lacan ([1976] 2007, p. 127-129) afirma que o inconsciente é particular e completamente redutível a um saber. É um saber (inconsciente) “insabido” (insabido em relação à consciência). Compatível com essa posição é tratar as representações inconscientes, reunidas no inconsciente, como proposições lógicas inconscientes.

⟨A⟩ Inconsciente.

iv. é um saber particular.

(ii)

A noção de ‘eu’ (também designada como ‘*moi*’, ‘*ego*’) recobre nocionalmente inúmeros processos psíquicos segundo a metapsicologia. As propriedades relevantes dessa noção a se terem em vista aqui são (confira-se FREUD, [1923] 1996):

Essas proposições inconscientes são sempre logicamente compatíveis umas com as outras, especialmente se consideradas as propriedades i e iii de ⟨A⟩ — ‘não há contradição’ e ‘não há dúvida/incerteza’ no inconsciente.

‘Saber’ inconsciente (“insabido”) é então, de fato (teoricamente), um estatuto epistêmico que se aplica ao inconsciente⁷:

⁷ Uma importante observação relativa à epistemologia da metapsicologia: Se cotejadas todas as propriedades que definem a noção lacaniana de inconsciente em relação a todas as propriedades que definem a noção freudiana de inconsciente, não há univocidade entre elas (confira-se por exemplo Lacan ([1964] 2008) em contraste com os textos de Freud já citados). No entanto, isso não implica que ambos os autores não sejam tomados como participantes de uma mesma teoria. Sabe-se bem que uma teoria, em seu desenvolvimento, conta continuamente com processos revisionais (Searle em relação a Austin, por exemplo, na teoria dos atos de fala). Entretanto, as propriedades das duas noções de inconsciente citadas,

⟨B⟩ *Eu/moi*.

- i. responsável pelos julgamentos conscientes (eu — não em sua globalidade (eu não coincide com a consciência) — é instância da consciência);
- ii. de maneira não consciente, atua defensivamente contra representações intoleráveis à consciência, procurando mantê-las distantes da consciência;
- iii. é a sede dos enganos e da contradição, da negação, da dúvida/incerteza (do que ⟨A i-iii⟩ menciona).

A ideia de representações intoleráveis à consciência se liga ao postulado do chamado ‘conflito psíquico’, um pressuposto teórico fundamental em metapsicologia, que diz respeito à vida mental como composta necessariamente por dois grupos de representações conflitantes entre si, um dos quais “em perfeita paz” com a consciência e o outro, segundo vários processos, afastado dela, mas que permanece circunscrito aos limites do psiquismo⁸. A denegação, que será vista adiante, é um dos modos pelos quais esse conflito psíquico se evidencia.

Por uma questão de facilidade de operação teórica, vou chamar de exclusivamente ‘y’ o tipo de representação mencionado em ⟨B ii⟩, ou seja, a representação intolerável à consciência, tendo em conta tanto o sentido de representação como o de proposição — independentemente se a proposição é atômica (simples) ou molecular (composta) —, isto é, concebendo ‘proposição’ e ‘representação’ como alternáveis:

y = representação/proposição sob estado inconsciente suscetível a vir à consciência.

Lacan ([1954-55] 1985) refere-se nocionalmente ao eu mediante o termo ‘*moi*’, que será usado adiante, sempre tendo em conta as propriedades apontadas em ⟨B⟩.

(iii)

propriedades essas julgadas relevantes à presente empresa, são compatíveis entre si. Isso é extensível às noções metapsicológicas que virão.

⁸ Vários autores discutem o ‘conflito psíquico’ e reconhecem a sua importância. Entre eles, veja-se Vicenzi (2010); Thá (2004).

De maneira geral, dá-se o nome de ‘resistência’ à atuação defensiva de *moi*, que procura afastar representações intoleráveis à consciência — como está mencionado em <B ii>. Um mecanismo específico e especializado de defesa chama-se ‘recalque’. E há dois tipos de ‘recalque’ (ou ‘recalcamento’, ‘repressão’): o ‘recalque originário’ e o ‘recalque propriamente dito’, este também designado apenas ‘recalque’, que é o que importará aqui⁹.

O recalque, que pode ser reconhecido sob a forma de resistência, é:

<C> Recalque.

- i. mecanismo de defesa do *moi* contra *y*, relegando *y* ao estado inconsciente, procurando conservar *y* inconsciente e fora, portanto, da consciência.

A representação *y* assim recalçada (sob tal estado) recebe o nome de ‘recalcado’. Quando *y* se manifesta, se enuncia, vem à consciência, diz-se ‘retorno do recalcado’. Tal retorno pode vir sob diferentes formas: chiste, ato falho, sonho etc.¹⁰ Como se verá, a denegação também envolve retorno de *y*. Ainda, em psicanálise chama-se ‘associação livre’ (ou ‘livre associação’) o procedimento, importante como método na terapia, a tentar-se chegar às representações em estado inconsciente para tê-las conscientes, mediante o falar livre, dar livre fluxo verbal ao que vier à mente, associar as ideias de maneira livre, sem partir de quaisquer elementos sugestionados por outrem.

Denegação psicológica

Afirmou-se há pouco que a denegação é um dos modos pelos quais o chamado conflito psíquico, inerente à vida mental, se evidencia. Viu-se que o conflito psíquico consiste na relação entre dois grupos de representações conflitantes entre si. Há dois grupos que uma divisão psíquica estabelece. Um grupo que encerra representações inconscientes, enquanto outro alberga as conscientes. Assim:

<D> Divisão psíquica.

⁹ Sobre o ‘recalque originário’, e também para mais acerca do propriamente dito, veja-se especialmente Freud ([1915b] 1996; [1915a] 1996, seção IV).

¹⁰ Sobre essas formas de retorno do recalcado, entre os textos mais importantes (e clássicos), vejam-se Freud ([1905]2006), Freud ([1900-01] 1996), Freud ([1901] 1996).

- i. grupo de representações inconscientes;
- ii. grupo de representações conscientes.

É tendo em conta tal divisão psíquica que Moura (1988, p. 101) diz que mediante a denegação se afirma uma divisão.

Seguindo Freud ([1925a] 1996), o que especificamente acontece na denegação é *moi* se deparando com *y*. O que caracteriza a denegação nesse confronto entre *moi* e *y* é o modo negativo com que o confronto se dá, via juízo intelectual de *moi*.

Importante saber que *moi* acede a *y* (negativamente, porque nega *y*) via associação livre. Adiante, seguindo Moura (1988, p. 102), será dito que a denegação pode se dar em qualquer situação, em qualquer ambiente da vida cotidiana (como acontece com o ato falho, com o chiste, por exemplo). Uma consequência disso diz respeito à não restrição a situações especiais do uso do mecanismo da associação livre¹¹.

Antes de avançarmos, vejamos alguns exemplos de denegação que Freud ([1925a] 1996) oferece:

- ⟨1⟩ *Agora o senhor vai pensar que quero dizer algo insultante, mas realmente não tenho essa intenção.*
- ⟨2⟩ *O senhor pergunta quem pode ser essa pessoa no sonho. Não é minha mãe.*
- ⟨3⟩ *Arranjei uma nova ideia obsessiva, e ocorreu-me em seguida que ela poderia significar isso ou aquilo. Mas não; isso não pode ser verdade ou não teria ocorrido.*

No tocante aos exemplos ⟨1⟩, ⟨2⟩ e ⟨3⟩ acima, tome-se *y* — isto é, uma representação inconsciente que, nesses casos, veio à consciência via denegação — respectivamente como:

¹¹ Fique claro que isso não implica o chamado ‘valor analítico’ em jogo, que pressupõe sempre situação terapêutica e a atividade específica do terapeuta.

⟨1'⟩ ‘quero dizer algo insultante’

⟨2'⟩ ‘essa pessoa no sonho é minha mãe’

⟨3'⟩ ‘a nova ideia obsessiva poderia significar X ou Y’

A série ⟨1⟩-⟨3⟩ é possível pelas propriedades ⟨B⟩ de *moi*. *Moi* é responsável pela série (*moi* ajuíza ⟨1⟩-⟨3⟩) e procura afastar *y* na série, pelo expediente de negar *y*.

Freud ([1925a] 1996) afirma que *y* (na terminologia aqui estabelecida) se enuncia em razão de uma suspensão parcial do recalque atuante sobre *y*. O que responde pela maneira negativa de considerar e enunciar *y* é uma atuação restante do recalque (sobre *y*) sob a forma de ‘resistência’ por parte de *moi*. A negação a serviço da denegação é a contraparte linguística da atuação psicológica restante do recalque sobre *y*.

Considera-se *y* na denegação como retorno de um recalcado. Retorno do recalcado pressupõe, por definição, que *y* estava sob estado inconsciente, e agora está acessível à consciência¹².

Em oposição a *moi*, Lacan ([1954-55] 1985) usa o termo ‘*je*’ (como *moi*, outro pronome pessoal francês) para designar nocionalmente a entidade responsável pelo retorno do recalcado. É de se dizer que, para o inconsciente, *je* é análogo a *moi* para a consciência¹³.

A propriedade relevante da denegação é:

⟨F⟩ Denegação.

¹² Contudo, o retorno do recalcado não implica aceitação efetiva (ou total) de *y* por parte de *moi* — já que, afinal, *y* na denegação aparece negada. Essa é uma discussão na qual me detenho na dissertação, que leva, com base especialmente em Freud ([1925a] 1996) e Hyppolite ([1954] 1998), à sistematização de uma tipologia da aceitação de *y* correlatamente às funções intelectual e afetiva enunciadas por Freud.

¹³ Na terminologia metapsicológica, o par ‘*je*’ e ‘*moi*’ pode ser substituído por outros — respectivamente, ‘sujeito da enunciação’ e ‘sujeito do enunciado’; ‘[eu]’ e ‘eu’; entre outros. Neste artigo, a opção será pelo par *je* e *moi*, já que, em língua portuguesa, ele não se presta facilmente à homonímia em relação à terminologia de outros quadros teóricos, opção que julgo evitar confusões indesejáveis. Do ponto de vista gramatical, é interessante notar que a forma *moi* é acusativa e a forma *je* é nominativa. Enquanto a forma acusativa é típica da posição de objeto direto e lugar canônico do paciente, que sofre ação, a forma nominativa é típica da posição de sujeito e lugar canônico de agente, que pratica ação.

i. negação (enunciada) de *y*.

Antes de seguirmos, faço uma operação de precisão acerca da denegação, que será útil mais tarde.

Como o contraste do par ⟨1⟩ e ⟨1'⟩ — *Agora o senhor vai pensar que quero dizer algo insultante, mas realmente não tenho essa intenção* e ‘quero dizer algo insultante’, respectivamente — evidencia, há mais em ⟨1⟩, de um lado, do que *y* e a negação a serviço da denegação, de outro.

Chame-se a combinação estrita ‘negação com escopo sobre *y*’ (ou ‘~*y*’ como contraparte lógica) simplesmente ‘unidade denegativa’.

Ainda, note-se que a negação a serviço da denegação pode ser exercida lançando mão de outros recursos — explícitos ou ainda implícitos — além da forma emblemática *não*.

Os exemplos que se seguem ilustram como a negação pode ser exercida de diferentes maneiras:

⟨4⟩ *Você deve estar pensando que estou pensando mal de você, mas está enganado.*

⟨5⟩ *Você deve estar pensando que estou pensando mal de você. Está enganado.*

Ambos esses casos têm a mesma proposição *y*:

⟨4'⟩ ‘estou pensando mal de você’

⟨5'⟩ ‘estou pensando mal de você’

Em ⟨4⟩ e ⟨5⟩, a negação está sendo exercida basicamente pela locução final *está enganado*¹⁴ — prova-o o fato de que a presença de *mas* em ⟨4⟩ e a ausência de conectivo

¹⁴ Pode-se argumentar que *está enganado*, em ⟨4⟩ e ⟨5⟩, ao invés de negar, apenas atribui um engano ao interlocutor a respeito de ⟨4'⟩ e ⟨5'⟩. Contudo, visto que o recurso à paráfrase *não é verdade que y para está enganado* parece manter o valor semântico desta última expressão, seguirei, por simplicidade,

em <5> antes de *Está enganado* não provocam diferença acerca do mesmo *efeito de negação* que ambos os casos têm, o que faz de *mas* um elemento gramatical secundário e prescindível, nessa situação. Isso, evidentemente, aponta à generalização de que o estatuto metalógico dos operadores de negação comumente referidos em listas não é de *necessidade*, ou melhor, não é sempre necessária a presença de um elemento reconhecidamente de função negativa para que haja efeito de negação.

Por outro lado, é trivial o fato de que, em muitas situações, os operadores de negação se encarregam sozinhos da tarefa de negar:

<6> *O que a carta significa pra mim? Nada que ver com amor.*

Aí, *nada* é o operador negativo, tendo por y

<6'> 'a carta pra mim tem a ver com amor'

Visto que *está enganado* tem valor negativo nos exemplos dados, a negação a serviço da denegação também pode se dar, como já aludido, sem repousar em construções locucionais ou itens lexicais negativamente marcados — como o termo *reveja* ilustra no exemplo abaixo, por conta da estrutura lógica que a sentença apresenta ('se p, então reveja'):

<7> *Se estiver considerando que posso me indispor com essa afirmação, reveja.*

Com y:

<7'> 'posso me indispor com essa afirmação'

considerando casos comparáveis, assim como <7> adiante (a propósito de *reveja*), que parece sofrer, de fato, um efeito de negação.

Esses apontamentos procuraram evidenciar que o efeito de negação não necessariamente depende de formas negativas linguísticas *a priori*. Isso dito, concentremo-nos no efeito de negação, sem nos deter nos diferentes, variáveis e imprevisíveis processos gramaticais envolvidos no exercício da negação a serviço da denegação¹⁵.

Pragmática dascaliana

Dasal ([1992] 2006) propõe dividir a pragmática — a pragmática que ele teoriza e pratica — em três domínios complementares com relativa autonomia entre si: a sociopragmática, voltada ao uso da linguagem (qualquer que seja) para propósitos comunicativos ou sociais; a psicopragmática, a se ocupar com o uso cognitivo associal da linguagem; e a ontopragmática, interessada nos fundamentos existenciais da e na linguagem.

No particular da interpretação de linguagem, além de apresentar (i) o modelo pragmático de interpretação, Dasal ([1988] 2006) elabora, em seus termos, um “mapa” em que inclui outros modelos, indicando a possibilidade de colaboração entre eles — sobretudo quando o significado da elocução é tomado como composto por camadas (‘cebola de significância’, mencionada adiante) —, modelos que são (ii) o criptográfico, (iii) o hermenêutico, (iv) o superpragmático, (v) o radical e (vi) os causais de estrutura profunda, que serão retomados à frente.¹⁶

Para Dasal ([1999] 2006, p. 6), a pragmática que ele concebe e pratica é uma disciplina, embora não propriamente autônoma, e os problemas centrais sobre os quais ela incide são a interpretação e a compreensão na comunicação humana.

A pragmática defende a “tese ontológica” de que tem um domínio bem definido e específico de objetos a investigar: as intenções comunicativas (não só no âmbito verbal¹⁷). Contudo, como já foi antecipado e também como se verá adiante a propósito

¹⁵ A dissertação de que este artigo se origina discute a curiosidade de que comentadores da denegação freudiana não se aperceberam do fato gramatical concernente ao exercício semântico da negação (a serviço da denegação) com a prescindibilidade de operadores formais entre os quais se inclui o emblemático advérbio de negação *não*.

¹⁶ Há ainda outro modelo de interpretação indicado por Dasal, chamado de modelo experiencial. Todavia, por tal modelo não compartilhar com (i)-(vi) a característica de incidir na linguagem, mas sim no comportamento global, o deixei de fora. Sobre ele, veja-se Dasal ([1993] 2006).

¹⁷ Isso faz com que a pragmática não seja uma disciplina estrita e restritamente linguística.

da tripartição da pragmática em três domínios, ela se volta também a processos mentais e linguísticos fora de propósitos comunicativos.

Sua orientação explanatória baseia-se essencialmente em hipóteses heurísticas, criando ‘soluções satisfatórias’ para problemas pragmáticos, entre os quais está a determinação de componentes implícitos que o uso da linguagem possibilita e que o falante tem à disposição.

O procedimento metodológico da pragmática, isto é, o *como* promove as análises dos objetos, se realiza pela consideração nocional principalmente da elocução, dos usuários da linguagem e do contexto.

Como já dito, a divisão que Dascal institui na pragmática faz surgir a sociopragmática, a psicopragmática e a ontopragmática (confira-se ratificação dessa tricotomia em DASCAL, 2011). Estudar, investigar, abordar: a linguagem (qualquer que seja) em uso comunicativo (ou social) — tarefa da sociopragmática; o uso cognitivo associativo da linguagem — campo da psicopragmática; e a linguagem na existência e a existência na linguagem — alçada da ontopragmática.

Para o modelo criptográfico de interpretação, o significado está no *elemento semiótico* (palavra, frase etc.¹⁸), e o acesso a esse significado se dá por um processo de “descoberta”. No modelo hermenêutico de interpretação, o significado está no *intérprete*, e o processo é de “criação” ou atribuição com base inteiramente nos interesses e informações do *background* do intérprete, processo no qual o intérprete é contexto-sensível.

O modelo superpragmático concebe o significado como exclusivamente dado pelo *contexto*, de modo que o chamado “nível semântico de interpretação” — do qual exclusivamente se trata no modelo criptográfico — se torna irrelevante. No modelo radical de interpretação, o significado é produto do preenchimento de variáveis de uma equação (variáveis como ‘ambiente’, ‘ato comunicativo’, ‘estado mental’), de maneira que parte do “zero” e por isso, segundo o autor, tende a ser inviável em comunicação real.

O modelo pragmático de interpretação, característico da pragmática para Dascal, reconhece o significado no elemento semiótico, mas como contexto-sensível, por um lado, e, por outro, como dando pistas do chamado 'significado do falante'. Este é a

¹⁸ O privilégio dado aqui, ainda que de maneira por vezes implícita, é à linguagem verbal, mas os elementos semióticos, *mutatis mutandis*, podem ser de diferentes “sistemas”.

contraparte de significado da 'intenção comunicativa' do falante. O intérprete precisa inferencialmente chegar ao significado do falante a partir do significado do elemento semiótico levando em conta o contexto. Na linguagem verbal, o termo que a pragmática confere ao significado do elemento semiótico é 'significado da sentença' — considerando a sentença a típica unidade interpretativa da pragmática —, que, “exposto” ao contexto, por este sendo ou não alterado (por conta da “contexto-sensibilidade”), chama-se 'significado da elocução'.

Incidindo em uma região “profunda”, o interesse dos modelos causais de estrutura profunda está no significado que o falante “produz” sem dele se dar conta. Na terminologia de Dascal ([1988] 2006, p. 230), esse significado pode ser infra ou supraindividual. Infraindividual quando o significado é de origem inconsciente (na acepção freudiana), que se supõe de “domínio privado”. Supraindividual quando o significado é de cunho ideológico (na acepção marxista) e se estabelece em “domínio público”.¹⁹

Dascal ([1988] 2006, p. 232) sugere que os modelos de interpretação “[...] deveriam, quem sabe, ser vistos como complementares, dedicando-se às diversas porções do vasto mundo do ‘significado’.” Mais tarde, dirá que é criticável tomar “imperialisticamente” um modelo em detrimento de outros, ainda mais se de forma apriorística (confira-se DASCAL, [1993] 2006).

O construto teórico da 'cebola de significância' do autor representa “as diversas porções” do significado, cujas camadas, sob formulação teórica não-conclusiva, seriam (confira-se DASCAL, [1985-99] 2006, [1977] 2006): (A) o conteúdo proposicional da sentença; (B) a razão da elocução (o tópico de uma conversação ou uma motivação que origine um tópico); (C) a força ilocucionária (referente a uma ordem, ou a um pedido etc.); (D) o caráter nêustico da elocução (o grau de compromisso que o falante “dá a entender”); (E) a eventual implicatura conversacional (dizer *p* para comunicar *q*); (F) o componente de significado inconsciente (segundo indicação dada acima referente ao infra e supraindividual); (G) o efeito da interferência do registro conversacional (familiar, ordinário, formal...) adotado; (H) o componente emotivo de significado (referente ao componente que expressa uma atitude subjetiva); (I) as pressuposições

¹⁹ Textos de Dascal com detalhes dos modelos (i)-(vi): [1988] 2006. Adicionalmente dos (i), (ii), (iii) e (vi): [1989] 2006 e [1993] 2006.

semânticas; (J) a modalidade; (K) as condições de felicidade do ato de fala; (L) a força perlocucionária (referente aos efeitos pretendidos sobre o interlocutor).²⁰

Se, de fato, os modelos de interpretação puderem ser vistos como complementares entre si a respeito das diferentes porções do significado — abstração feita à mistura de postulados ontológicos (subjacentes aos modelos) que uma combinação dessa natureza facilmente resultará —, presume-se que seria algo como, por exemplo, a camada: (A) para o modelo criptográfico; (B) para o hermenêutico; (D) para o superpragmático; (H) para o radical; (E) para o pragmático; (F) para os causais de estrutura profunda. Certamente, as escolhas entre (A)-(L) por parte dos modelos (i)-(vi) não são excludentes.

Considerações pragmáticas acerca da denegação

Dascal ([1985] 2006) aborda a porção profunda do significado do chiste e do sonho freudianos, além da porção “superficial” de valor comunicativo do chiste. Nesse trabalho, o autor então tem ocasião de demonstrar o escopo da sociopragmática e da psicopragmática. A aplicação da psicopragmática e da sociopragmática à denegação, outro objeto teórico de origem freudiana, poderá apontar alguns resultados à pragmática. Adicionalmente, serão feitas observações pela ontopragmática em relação a tal objeto.

Em relação à denegação, o modelo criptográfico pode ser usado, mas sozinho é insuficiente, por conceber o significado só em seu valor de face, enquanto, na denegação, é preciso, por conta do segundo movimento interpretativo que ela demanda, ignorar a negação sentencial. Adicionalmente, esse modelo não impede que a sentença e seu significado sejam associados a seu falante.

O modelo hermenêutico não parece ser adequado em relação à denegação justamente pela associação ontológica explícita e radical que ele prescreve entre o significado e o seu intérprete. Evidentemente, eliminar a consideração acerca do falante da denegação não faz sentido, a não ser que se abandone a qualificação metapsicológica

²⁰ As noções em (A), (I), (J) são tomadas à “tradição” semântica e lógica; as em (C), (D), (K) e (L), mais de perto à teoria dos atos de fala — de Austin ([1962]1975, e.g.), Searle (1969, e.g.) Hare ([1970] 1971); (E) é proveniente de Grice ([1975] 1982); (H) vem de Stevenson (1944).

do fenômeno, o que provocaria, afinal, o desaparecimento do objeto teórico que está sendo chamado de denegação.

Igualmente, o modelo superpragmático não é conveniente para a interpretação da denegação, por ele julgar irrelevante o valor de face da sentença e por postular que o significado é função inteiramente do contexto, excluindo o âmbito do falante, que é caro à consideração da questão da denegação. Esse modelo dificilmente consegue sustentação, já que se sabe que, mesmo em casos semânticos mais contexto-dependentes, a interpretação das sentenças correspondentes parte do valor de face delas, ainda que seja para excluí-lo em seguida.

Potencialmente, o modelo radical de interpretação pode possibilitar uma interpretação adequada da denegação, já que se interessa em preencher, entre outras, a variável 'estado mental'. Contudo, por se tratar de um modelo de inclinação matemática, sua aplicação tem um custo operacional desnecessário, já que uma regra metodológica básica resume a consecução da interpretação adequada da denegação: tomar " $\sim y$ " por " y ".

O modelo pragmático serviria adequadamente à denegação não fosse a não preocupação com o componente de significado inconsciente. Na verdade, essa é uma postura analítica que tem seu mérito, ao reconhecer que seu escopo não inclui a investigação de aspectos simbólicos que fogem ao controle consciente do falante e, por isso, o modelo deixa essa tarefa para a alçada de outros modelos²¹.

Caso a denegação seja encarada em seu valor comunicativo trivial — abstração feita à qualificação metapsicológica, portanto —, o modelo pragmático de interpretação se afigura obviamente bem adequado, e — considerando o caráter assertivo direto da denegação dos exemplos fornecidos neste trabalho — isso implica tomar o significado da sentença como igual ao significado da elocução. Ainda, se a categoria de falante for identificada àquilo que profere ajuizamentos, simplesmente, então a equação

$$moi(s) = E(s)$$

É compatível com observações anteriores feitas aqui, sendo ' $moi(s)$ ' o 'significado de moi ' e ' $E(s)$ ' o 'significado da elocução'.

²¹ Veja-se uma sistematização dos procedimentos interpretativos do modelo pragmático em Dascal ([1992] 2006, p. 439).

Naturalmente, concessões não são necessárias frente à assunção de pressupostos metapsicológicos que um modelo causal de estrutura profunda permite em relação à denegação. O que os modelos causais de estrutura profunda têm em comum é o interesse no significado que o falante produz sem dele se dar conta. De natureza infrapessoal, a porção profunda do significado da denegação demanda um modelo de interpretação que inclui uma preocupação quanto ao inconsciente ou entidade análoga.

Com a psicopragmática, e evocando o construto teórico da cebola de significância, ao se falar em denegação, as considerações precisam incidir na camada chamada de 'componente de significado inconsciente'. À psicopragmática caberia dizer sobre a origem, a motivação “profunda” do componente (F) da denegação, porquanto a origem ou a motivação da denegação se situa do lado do conjunto de processos mentais (com ou sem linguagem) fora de propósitos comunicativos.

Para a psicopragmática, quando voltada à denegação, o modelo interpretativo relevante é o psicanalítico (um causal de estrutura profunda). Isso posto, e tendo-se em conta a concepção de denegação com que estamos lidando — concepção metapsicológica freudiana —, considerações psicopragmáticas acerca da denegação a partir do modelo psicanalítico de interpretação nos levariam a resultados muito próximos aos que já foram obtidos por trabalhos teóricos psicanalíticos. O trabalho de Dascal a propósito do chiste e do sonho freudianos o corrobora (confira-se DASCAL, [1985] 2006).

Basicamente, essa improdutividade aludida — ou melhor, a possibilidade de os resultados obtidos pela psicopragmática em relação à denegação coincidirem com os resultados obtidos pela teoria psicanalítica — é presumida por conta da qualificação conceitual freudiana que dá existência teórica ao que se está chamando de denegação e por conta do modelo de interpretação psicanalítico operado em relação à denegação. Caso essas determinações possam ser evitadas — isto é, que se possa conceber a denegação sob conceituação diferente e o modelo de interpretação possa ser outro causal de estrutura profunda —, evidentemente nada obsta, por hipótese, alguma produtividade teórica inovadora, ou melhor, que não coincida com resultados já existentes.

De seu lado, o que a ontopragmática teria a dizer sobre a denegação? Veja-se que, na caracterização que Dascal ([1992] 2006) faz do domínio da ontopragmática,

anteriormente apresentada, o autor evoca o seguinte pensamento de Heidegger (1927²², p. 161, *apud* DASCAL, [1992] 2006, p. 425): “O Discurso é existencialmente co-primordial com estado mental e compreensão” (digamos que essa seja a tese-1 da ontoprágmatca). Ao adotar essa visão, estado mental e compreensão são indissociáveis da linguagem. Ainda: “[...] *nada existe, a não ser através da linguagem*” (WINOGRAD e FLORES, 1987²³, p. 68, grifo dos autores, *apud* DASCAL, [1992] 2006, p. 449) é outra tese (tese-2) a filosoficamente caracterizar a ontoprágmatca. Tentemos observar o que a ontoprágmatca, mediante a tese-1 e a tese-2, diz a respeito da denegação.

Uma relação de mútua constituição (ou de coprimordialidade) — uma relação entre: (α) o ‘estado mental’ envolvido na denegação e especificamente (β) o ‘elemento linguístico’ (a ‘unidade denegativa’, de maneira estrita) que é a contraparte expressa da denegação — está presente. O estado mental em questão se resume a um conflito psíquico (interferência inconsciente *vs.* intenção consciente). α não é concebível sem β e β não existe sem α , *para efeitos de denegação*. Ou seja, não se pode supor a existência de β sem a existência de α , assim como, *se é denegação*, não dá para supor a existência de α sem a existência de β . Uma consequência disso é que α não causa β nem β causa α . A denegação é simultaneamente mental e linguística. Essa coprimordialidade só tem sentido se o Ser é a ‘denegação’ (não o ‘homem’) sob *condição pragmática de existência*²⁴.

Essa concepção “ontoprágmatca” apresentada acerca da denegação (tendo-se em conta a tese-1, as ressalvas mencionadas e o enfoque realizado) já contém, de certa forma, o que se pode dizer tendo-se em conta a tese-2: no particular da denegação, *prima facie* ela não existe senão mediante a linguagem.

Considerações finais

Pelo fato de a pragmática dascaliana ser uma disciplina epistemologicamente aberta, sem restrições quanto a entidades teóricas externas que podem figurar sob seu

²² HEIDEGGER, M. (1927). *Sein und Zeit*. Tübingen: Max Niemeyer. [(2006). *Ser e tempo*. Petrópolis/RJ: Vozes.]

²³ WINOGRAD, T.; FLORES, F. (1987). *Understanding Computers and Cognition: a new Foundation for Design*. Reading/MA: Addison-Wesley.

²⁴ Se se tomar a denegação, diversamente, sob *condição teórica de existência*, somos levados a conceber α como pré-condição de β . E faria sentido pensar em ‘compreensão’ neste momento se o Ser focalizado fosse o ‘homem’, e não a ‘denegação’.

escopo, um objeto oriundo de outro campo, desde que lhe possam ser atribuídas ou reconhecidas propriedades semióticas — como é o caso da denegação psicológica, considerando-se especialmente sua dimensão manifesta —, não enfrenta qualquer dificuldade para ser analisado ou simplesmente discutido. Ainda, é opção, e não obrigatoriedade, do teórico da pragmática ter de explicitar e justificar o postulado relativo a objetos teóricos externos, de outras áreas do conhecimento, que assume. A previsão da aceitabilidade de objetos teóricos externos faz sentido quando se sabe que

[a pragmática] desenvolveu-se em associação com as disciplinas voltadas para a linguagem: linguística, filosofia da linguagem, retórica e teoria da literatura. Mas ela superou esses limites [...], estendendo-se, entre outras coisas, à prática legal, à inteligência artificial, à psicanálise, à antropologia, à arte e à política. (DASCAL, [1999] 2006, p. 6.)²⁵

Quanto à opção de não se explicitar e justificar o postulado teórico que objetos externos "rebecam" em relação à (e para a) pragmática, o próprio Dascal ([1985] 2006) o ilustra, ao abordar o chiste e o sonho freudianos sem problematizar a compatibilidade das teorias envolvidas. (Assim, qualquer preocupação respeitante à comensurabilidade entre as teorias não seria, em tese, uma demanda.) Aqui, fez-se escolha pela mesma opção.

Referências

AUSTIN, J. *Howto do Thingswith Words* [1962]. URMSON, J.; SBISÀ, M. (eds.) Cambridge/Mass.: Harvard University Press, 1975.

DASCAL, M. *Interpretação e compreensão* [1999]. São Leopoldo/RS: Unisinos, 2006.

_____. *Como funciona um conectivo? – entre semântica e pragmática: os dois tipos demas – ‘aval’ e ‘ela’* [1977]. p. 138-170.

²⁵ Uma consequência da “associação” e da “extensão” que caracterizam essa pragmática é que esta “transgride” limites ontológicos e “compra” epistemologias diversas que as áreas citadas implicam. Um modo de amenizar essa consequência é dizer que a pragmática é voltada à interdisciplinaridade. Tal é a consideração que se precisa ter em mente em relação a este artigo, evitando-se o debate de Filosofia das Ciências, que, no entanto, não deixaria de ser pertinente.

_____. *Compreendendo chistes e sonhos: sociopragmática versus psicopragmática* [1985]. p. 382-400.

_____. *Compreendendo os mal-entendidos: um estudo sobre a coerência conversacional* [1985-99]. p. 314-341.

_____. *Interpretação hermenêutica e interpretação pragmática* [1989]. p. 642-659.

_____. *Modelos de interpretação* [1988]. p. 216-232.

_____. *Os limites da interpretação* [1993]. p. 660-678.

_____. *Qual a importância da linguagem na inteligência artificial?* [1992]. p. 421-454.

DASCAL, M. Prefácio à edição brasileira [2011]. In: *Pragmática e filosofia da mente I: o pensamento na linguagem* [1983]. Curitiba/PR: Ed. UFPR, 2011.

FREUD, S. Lapso da fala [1901]. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira, Vol. VI* [1901]. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 67-114.

FREUD, S. O ego e o id [1923]. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira, Vol. XIX: [1923-1925]*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 15-80.

FREUD, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira, Vols. IV e V [1900-1901]*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira, Vol. VIII: [1905]*. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira, Vol. XIV: [1914-1916]*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. *Inconsciente* [1915a]. p. 165-222.

_____. *Repressão* [1915b]. p. 147-162.

FREUD, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira, Vol. XIX: [1923-1925]*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. *A negativa* [1925a]. p. 263-269.

_____. *Uma nota sobre o “bloco mágico”* [1925b]. p. 253-259.

GRICE, H. P. Lógica e conversação [1975]. In: DASCAL, M. (org.) *Fundamentos metodológicos da linguística*. Vol. IV. Campinas/SP: Unicamp, 1982. p. 81-103.

HARE, R. M. Meaning and Speech Acts [1970]. *Practical Inferences*. London: MacMillan Press, 1971. p. 74-93.

HYPPOLITE, J. Comentário falado sobre a “*Verneinung*” de Freud [1954]. In: Lacan ([1966] 1998). p. 893-902.

LACAN, J. Do inconsciente ao real [1976]. In: *O seminário, livro 23: o sinthoma*, [1975-1976]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

_____. O inconsciente freudiano e o nosso. In: *O seminário livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* [1964]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

_____. *O seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*, (1954-1955). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

MOURA, M. E. T. de. Considerações sobre a *Verneinung*. *Letra Freudiana*, ano VIII, n. 5, 1988. p. 101-104.

SEARLE, S. *Speech Acts: an Essay in the Philosophy of Language*. Cambridge/Cambs.: Cambridge University Press, 1969.

STEVENSON, C. *Ethics and language*. New Haven, CT: Yale University Press, 1944.

THÁ, F. *Categorias conceituais da subjetividade*. 227 f. Tese (Doutorado em Linguística). Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal do Paraná. Curitiba/PR. 2004.

VICENZI, E. *Interpretação e atribuição de significado: que pressupostos são relevantes durante o processo de escuta na clínica psicanalítica? – um estudo na perspectiva pragmática*. 313 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal do Paraná. Curitiba/PR. 2010.

PRAGMATIC CONSIDERATIONS ON THE PSYCHOLOGICAL DENIAL

ABSTRACT

This is a cut of my Master's Thesis *Psychological denial: linguistic and logic aspects* (Federal University of Paraná), which offers a pragmatic discussion of theoretical nature about psychological denial (*die Verneinung*), which was firstly formulated by Freud and it is discussed here in a pragmatic dimension. Except for the introduction (which contextualizes this paper) and the closing remarks (which with generalization refers to the articulation of theories, which is important to the pragmatics), this article is divided into (i) metapsychological notions involved in the psychological denial, (ii) psychological denial, (iii) Dascalian pragmatics and

(iv) pragmatic considerations on the psychological denial, being incumbent upon the sections (i)-(iii) put forward what is needed to the purpose of the section (iv).

Keywords: psychological denial, pragmatics, metapsychology.

Recebido em 04/11/2013.

Aprovado em 12/11/2013.